

Jornada da noitemarinha

John Barth

Apresentação e tradução de Carlos Eduardo Heinig¹
Universidade Federal de Santa Catarina

Qual é a maior e mais importante jornada que um indivíduo pode fazer em sua vida? Provavelmente, muitos dirão as grandes competições, sejam de corrida ou natação. Uma viagem ao redor do globo, como na famosa história de J. Verne. A luta contra uma doença, etc. Todas essas opções são corretas e até nobres. Mas, há uma jornada que todos percorreram para estar lendo essas linhas: o fato de ser um espermatozoide e – ser o único – a chegar ao útero e conceber o milagre da vida.

Sim, este conto do livro *Lost in the Funhouse* (que eu traduzo por *Perdido no Parque de Diversões*) é narrado por um espermatozoide e – inclusive – possui traços e questionamentos freudianos. Pode-se inferir também que consiste num narrador-espermatozoide com crises existenciais: ele não sabe exatamente quem é, como chegou ali, por que seus companheiros morrem como moscas.

Barth não usa esta metáfora à toa, o livro é lançado no *zeitgeist* da Guerra do Vietnã, em que os próprios homens eram enviados à uma floresta escura, em uma jornada noturna e acabavam sem identidade, sem saber como chegaram ali e por que seus companheiros morriam em covas punji, num suplício cheio de estacas. Outros morriam afogados no Mekong, como os companheiros do narrador.

O livro é uma forma de complementar o *Flower Power* e o movimento Hippie, antiviolença. Precisamente este conto é o dos mais obscuros. Afinal, de fato, o espermatozoide não faz a menor ideia do que está fazendo; no entanto, pode ser um vencedor.

Está, tal como todo ser humano, em busca de respostas.

“A jornada é invenção minha? A noite, o mar, existem, pergunto-me, além da minha experiência com eles? Eu mesmo existo, ou isto é um sonho? Às vezes, eu me pergunto. E se eu sou, quem sou eu? A Herança que supostamente transporto? Mas como eu posso ser ambos:

¹ Graduado em Letras Português-Inglês pela Universidade Regional de Blumenau (FURB), Mestrando em Estudos da Tradução pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). E-mail: cc.eduardohhhh@gmail.com.

embarcação e conteúdo? Tais são as perguntas que cercam meus momentos de descanso.” (BARTH, 1969, p. 01 – tradução nossa.)

Como dito, a questão onírica freudiana está bem presente no decorrer do conto (o tradutor deixa ao leitor a tarefa de procurar as pistas...). É preciso trazer o espírito daquele tempo, do fim da década de sessenta para agora. O que mudou? As perguntas, ao que parece, são as mesmas. *A Jornada da noite marinha* é circular. Todos percorreram e percorrerão, não há escapatória. A diferença é que Barth dá ao leitor uma esperança: é possível sair dela como um vencedor. Talvez o único. Mas, como vencedor.

John Barth nasceu em Maryland, em 1930. Coursou a renomada Johns Hopkins University. Conhecido pelas influências Faulknerianas e Joycianas, seus trabalhos tratam de uma realidade à parte que se funde lentamente à realidade a qual pertencemos. Muitos o associam ao Pós-Modernismo. Suas obras máximas são os romances *Floating Opera* e *Giles Goat-Boy* e a coletânea de contos, a qual “Jornada da Noite marinha” pertence, *Lost in the Funhouse*.

“De um jeito ou de outro, não interessa qual teoria da nossa jornada é correta, eu dirijo-me a mim mesmo; a quem eu ensaio como a um estranho nossa história e condição, vou revelando meu segredo e espero que eu me afogue por isso.

“A jornada é invenção minha? A noite, o mar, existem, pergunto-me, além da minha experiência com eles? Eu mesmo existo, ou isto é um sonho? Às vezes, eu me pergunto. E se eu sou, quem sou eu? A Herança que supostamente transporto? Mas como eu posso ser ambos: embarcação e conteúdo? Tais são as perguntas que cercam meus momentos de descanso.

“Meu problema é que me falta convicção. Muitas questões da nossa situação parecem plausíveis para mim – onde e o que nós somos, porque nós nadamos e para onde. Mas as implausíveis também, talvez especialmente elas – as implausíveis, devo admitir, como as possivelmente corretas. É mesmo provável. Se, às vezes, em certos humores - marcando em uníssono, digamos, com meus vizinhos e cantando com eles ‘Para cima!’ – Eu suponho que nós temos, afinal, um Criador em comum, cuja natureza e motivos talvez não conheçamos, mas que nos gerou numa misteriosa sabedoria e

lançou-nos em direção a algum fim conhecido, mas para Ele se (por apenas um pouco de humor) fui capaz de acolher essas noções, muito populares em certos setores, é porque nossa jornada de noittemarinha toma seu absurdo. Pode-se até dizer: posso acreditar neles *porque* são absurdos.

“Isso já foi dito antes?”

“Um outro paradoxo: parece que são esses intervalos da natação que me mantêm nadando. Duas medidas para frente e para arriba, agitando-se com o resto, então eu flutuo exausto e desanimado, o bando em direção à noite, ao mar, à jornada, enquanto a inundação me leva um tanto para trás e para baixo: o progresso é lento, mas eu vivo, e escolho meu caminho, sempre, depois de muitos camaradas afogados no final, mais fortes e mais valorosos do que eu, vítimas de sua incessante *joie de nager*. Eu vi os melhores nadadores de minha geração irem abaixo. Incontáveis os números dos mortos. Milhares se afogaram, eu imagino enquanto descanso antes de voltar a nadar. E pontuações, centenas de milhões expiraram desde que nós surgimos, bravos em nossa inocência, sobre o nosso terrível caminho. “Amor! Amor” nós cantamos então, um quarto de bilhão de força agitou o mar quente com a alegria de nadar! Agora, todos estão descendo - os bêbados, os encharcados, os líderes e seguidores - todos submergindo, enquanto eu, desgraçado, nado. Ainda que esses mesmos intervalos reflexivos é que me fazem continuar à tona, têm me levado a suspeitar... que essa jornada de noittemarinha não tem sentido algum.

“De fato. Se eu ainda tiver de me juntar aos anfitriões dos suicídios, é porque (fadiga à parte) não acho que seja significativo se afogar do que continuar nadando.

“Eu sei que existem aqueles que parecem realmente gozar a noittemarinha; que afirmam amar nadar pelo seu próprio prazer, ou que sinceramente acreditam que ‘alcançando a Margem’, ‘transmitirão a Herança’ (*Qual Herança, eu gostaria de saber? E para quem?*) e isso vale o esforço impressionante. Eu não. Nadar, em si, não acho que seja uma atividade particularmente desagradável, acho mais cansativa que o normal, não é raro ser um tormento. Argumentos sobre a importância e o design não me impressionam: levando em consideração que podemos e nadamos, porque – de certa forma – nossas longas caudas e nossas cabeças aerodinâmicas são ‘feitas para’ a natação, de algum modo, parece-me, que *devemos* nadar, ou de outra maneira nos esforçarmos para ‘cumprir o nosso destino”. Quer dizer, o destino de Alguém Mais; pois o nosso, até onde eu posso ver, é meramente perecer, de um jeito ou de outro, cedo ou tarde. O zelo sem coração de nossos (falecidos) líderes, como a ambição cega e o

bom ânimo da minha juventude, assustam-me agora e pela morte dos meus companheiros estou inconsolável. Se a jornada de noittemarinha tiver alguma justificação, não é – definitivamente – para nós, nadadores, descobrirmos isso.

“Oh, certamente, ‘Amor!’ ouve-se isso de todos os lados: ‘O amor é o que nos dirige e nos sustenta!’ Eu traduzo: nós não sabemos *O Que* nos dirige e nos sustenta, apenas que somos mais miseravelmente dirigidos e, imperfeitamente, sustentados. *Amor* é como chamamos nossa ignorância àquilo que nos açoita. ‘Para alcançar a Margem,’ então: mas, e se a Margem só existe na nossa fantasia de nadadores, que sonhamos que isso exista pelo terrível fato de que nadamos, sempre e somente nadamos e continuaremos nadando sem pausa (exceto eu) até morrer? Supondo que, mesmo que houvesse uma Margem – como um cínico companheiro meu uma vez imaginou, nós levantamos dos afogados para descobrir todas aquelas superstições vulgares e as metáforas exageradas para ser verdade literal: o nosso grande Criador, as Margens de luz além da nossa jornada de noittemarinha! O que poderia fazer um nadador por lá? O fato é que, quando nós imaginamos a Margem, o que nos vem à cabeça é uma oposição à nossa condição: chega de noite, chega de mar, chega de jornadas. Em suma, o estado feliz do afogado.

“Nós não paramos e pensamos; nossa, mas nadar e afundar...’ Porque um momento de pensamento revela logo a falta de sentido na natação. ‘Não importa’, eu ouvi alguns dizerem, mesmo quando o último deles se afogou: ‘A jornada da noittemarinha pode ser um absurdo, mas aqui estamos nós nadando, nós nadamos nada, contra esse jorro, para cima e adiante, em direção à margem que pode não existir e que poderia nunca ser alcançada. As escolhas do nadador inteligente, então, dizem, são duas: desistir de se debater e afundar para sempre pelo bem, ou abraçar o absurdo; afirmar em e para si a jornada da noittemarinha; nadar com ou sem motivo ou destino, por uma mera questão de natação, e apiedado – além disso – com seu colega nadador, nós estamos todos no mesmo barco e na mesma escuridão. E não acho nenhum trajeto aceitável. Se nem mesmo a Margem hipotética pode justificar um mar cheio de camaradas afogados, falar do nado apenas me parece algo obsceno. Eu continuo a nadar, mas só porque o hábito cego, o instinto cego, o medo cego de se afogar são ainda mais fortes que os horrores dessa nossa jornada. E se, na ocasião, eu tiver auxiliado um colega abatido, juntado-me aos aplausos e canções, até passando ao longo dos outros golpes do grande afogado, que eu me encolho por forma de temperamento, fazendo-me de notável. Para remar na própria direção, afirme seu direito de passagem independente,

ultrapasse seus companheiros sem remorsos, ou dedique-se inteiramente aos prazeres e diversões sem se preocupar com a consciência – eu não posso condenar definitivamente aqueles que viajam desta maneira; no fim das contas, eu os invejo e desprezo a minha fraca força de vontade de evitar seguir o exemplo deles. Mas, em momentos mais razoáveis, eu me lembro do que é em sua liberdade e auto responsabilidade que eu rejeito, como o mais dramático absurdo, em nossa insensata circunstância, do que seguir adiante de maneira convencional. Suicidas, rebeldes, afirmadores do paradoxo, pessimistas e otimistas de modo idêntico em nossa viagem fatal - Eu finalmente balancei a cabeça para eles. E os salpicos batendo em seus cadáveres, um a um, como uma centena de outros: amigos, inimigos, irmãos; tolos sábios, brutos e ninguéns, milhões e milhões. Eu invejo todos eles.

“Uma pobre ironia: eu que acho repugnante e tautológica a doutrina da sobrevivência dos mais aptos (aptidão que significa, na minha experiência, nada mais do que a capacidade de sobrevivência, um talento cuja demonstração é o fato da sobrevivência, mas que os ingredientes principais parecem ser a força, a insensibilidade...), e pode ser o único nadador restante! Mas a doutrina é falsa e repulsiva: o acaso afunda o que é digno com o indigno junto, sustenta o inapto com o ajuste por qualquer definição, e faz a viagem da noittemarinha essencialmente ao acaso, bem como homicida e injustificada.

“‘Você só nada uma vez.’ Por que se preocupar então?

“‘A não ser que vos afogueis, não atingireis a Margem de luz.’ Encheção de língua.

“Um dos meus últimos companheiros – aquele cínico com a fantasia curiosa, que foi um dos primeiros a se afogar, manteve-nos com estranhas conjecturas enquanto esperávamos para começar nossa jornada. A teoria favorita dele era a de que o Pai realmente existe e fez a gente e o mar em que nadamos – mas não se equiparou nem mesmo conscientemente; Ele nos fez, por assim dizer, apesar Dele mesmo, enquanto ondulamos nossa caudaondulante, e pode não ter consciência da nossa existência. A outra teoria foi que Ele sabe que nós estamos aqui, mas não se importa com o que nos acontece, à medida em que cria (voluntariamente ou não) outros mares e nadadores em intervalos mais ou menos regulares. Em alguns momentos mais amargos, como antes de ele se afogar, meu amigo até supôs que o nosso Criador nos desejava acabados; havia, de fato, uma Margem, ele disse, que poderia salvar, pelo menos, alguns de nós do afogamento e que era a nossa função lutar, mas por razões desconhecidas para nós Ele

queria desesperadamente evitar que alcançássemos um lugar feliz e cumpríssemos o nosso destino. Nosso ‘Pai’, em resumo, foi nosso adversário e pretense assassino! E não menos ultrajantes e ofensivas à opinião tradicional foram as especulações do camarada sobre a natureza do nosso Criador: que Ele poderia muito bem não ser um nadador, mas algum tipo de monstruosidade, talvez até sem cauda; que Ele pode ser estúpido, malicioso, insensível, perverso ou adormecido e sonhador; que a razão para a qual Ele nos criou e nos lançou, e que nós nos flagelamos, talvez fosse imoral e até obscena! Etc., etc.: houve uma infinidade de conjecturas desse camarada, ou indelicadeza de suas fantasias; tenho motivos para suspeitar que seu falecimento prematuro, planejado ou não por “nosso Criador”, foi acelerado por alguns companheiros indignados pelas blasfêmias que ele dizia.

Em outros estados de humor, todavia (ele não era tão dado a humores como eu), sua teoria se tornaria um tanto séria, então, pareceu-me, especialmente sobre assuntos de Destino e Imortalidade, aos quais conversas pueris muitas vezes se transformaram. Então seus discursos, se não menos fantásticos, cresceram solenes e obscuros, e ele ainda nos estava iscando, sua paixão desfez a piada. Sua objeção às opiniões populares frente ao futuro, ele declararia, era uma reivindicação de validade geral. Porque era necessário que se sustentasse a ideia de que todos os afogados se levantam para serem julgados no final da jornada, e os não-crentes que o afogamento final é sem exceção? Na sua opinião (pelo menos ele juraria), o destino de quase todo mundo foi morte permanente; na realidade, ele teve um prazer amargo em supor que o ‘Criador’ fez milhares de mares em seu criativo tempo de vida, cada um habitado por seres como nós, milhões de nadadores, e que em quase todos os casos o mar e os nadadores foram totalmente aniquilados, acidentalmente ou por um esquema maléfico. Nada se não fosse pluralístico, ele imaginou que poderiam ser milhões e bilhões de “Pais”, talvez em alguma noite-marinha deles mesmos!) Todavia – e aqui virou os infieis contra ele mesmo junto dos fiéis – ele acreditava na possibilidade de uma única noite-marinha por mil, diga-se, um dos seus 250 bilhões de nadadores (isto é, um nadador em duzentos e cinquenta bilhões alcançaram uma imortalidade qualificada. Em alguns casos, a taxa pode ser um tantinho mais alta; em outros, muitíssimo menor, pois assim como existem nadadores de todos os graus proficiência, incluindo alguns que se afogam antes do início da jornada, incapazes de nadar e outros criados já afogados, por assim dizer, então ele imaginou o que só pode ser chamado de Criadores impotentes, Criadores incapazes de fazer, assim como os incomumente férteis e em todas as ordens

intermediárias. E agradou-lhe negar qualquer relação necessária entre a produtividade de um Criador e Suas outras virtudes – incluindo a qualidade de Suas criaturas.

“Eu poderia continuar (ele claramente o fez) com a conspiração dessas ideias malucas – como a de que nadadores, em outras noitesmarinhas, não precisam ser da nossa espécie; que os próprios Criadores podem pertencer a outras espécies, por assim dizer; que nosso Criador, em particular, não seja um imortal, ou que possamos não ser apenas Seus emissários, mas a Sua ‘imortalidade’, continuando Sua vida e a nossa, numa mudança apenas aparente, além de nossas mortes individuais. Mesmo essa imortalidade modificada (sem sentido para mim) ele concebeu como relativa e contingente, sujeita a acidente ou rescisão deliberada: sua hipótese favorita era de que Criadores e nadadores *geram um ao outro* - contra todas as probabilidades, seu número é tão grande e que qualquer ‘cadeia de imortalidade’ poderia terminar após qualquer número de ciclos, de modo que era ‘imortal’ (ainda falando relativamente) apenas o processo cíclico da encarnação, que por si só pode ter um começo e um fim. Como alternativa, ele gostava de imaginar ciclos dentro de ciclos, finitos ou infinitos: por exemplo, o ‘a noitemarinha’, por assim dizer, no qual os Criadores ‘nadavam’ e criavam ‘noitesmarinhas’ e nadadores, como nós, podem ser a criação de um Criador maior e - ele mesmo - um dos muitos, etc. O próprio tempo, que ele considerava relativo à nossa experiência, como magnitude: quem sabia que, a cada golpe de nossas caudas, mares minúsculos e nadadores, eternidades inteiras, aconteceram - como a nossa, talvez, e a do Criador de nosso Criador, estava decorrendo entre os golpes de alguma supercauda, em uma ordem mais lenta do tempo?

"Naturalmente, eu brinquei com os outros nessa tolice. Nós éramos jovens na época e tínhamos apenas a vaga noção do que viria pela frente; em nossa ignorância, imaginávamos que a viagem da noitemarinha fosse um empreendimento positivamente heróico. Seu significado e valor que nunca questionamos; para ter certeza, alguns devem ter ficado pelo caminho; pena, sem dúvida, mas vencer uma corrida exige que outros percam e, como todo torneio, meus companheiros davam por certo que eu seria o vencedor. Nós moemos e pululamos, impacientes por estarmos fora, não importa onde ou por quê, apenas para tentar nossa juventude contra as realidades da noite e do mar; se nós fôssemos indulgentes com o cético, era como um droll, um mascote meio desprezível. Quando ele morreu na primeira matança, ninguém se importou.

"E, mesmo agora, não subscrevo todas as opiniões dele, mas não lhe zombo mais. O horror da nossa história me expurgou de opiniões, como vaidade, confiança,

espírito, caridade, esperança, vitalidade, tudo, exceto o pavor aborrecido e uma espécie de persistência melancólica e atordoada. O que me leva a recordar que a sua fantasia é a minha suspeita crescente de que eu, entre todos os nadadores, possa ser o único sobrevivente dessa jornada, portadora de toda uma geração. Essa suspeita, juntamente com a recente mudança radical, sugere agora que nada é impossível, nem mesmo as visões mais loucas do meu falecido companheiro, e traz para uma certa resolução desesperada, o ponto do meu cronograma.

"Muito provavelmente eu perdi meus sentidos. A carnificina em nossa partida; nossa dizimação pelo redemoinho, a catarata envenenada, a convulsão no mar; o pânico debandado, motins, massacres, suicídios em massa; as evidências crescentes de que ninguém sobreviverá à jornada – acrescente tudo isso a essas angústias e fadigas; foi um milagre se a sanidade se mantivesse à tona. Assim, admito, com as outras possibilidades, que o presente adoça e acalma o mar, e o que parece ser uma espécie de presença, música ou convocação do próximo rio acima, pode haver alucinações de sensibilidade desordenada...

"Talvez até eu já esteja afogado. Certamente, não fui feito para a agitação do nadar; e não é impossível que eu pereci desde o início e só imaginei a viagem da noite-marinha de alguma profundidade final. De qualquer forma, eu não sou mais jovem e nem mais vulnerável aos sonhos; passamos nadadores velhos, livres de toda ilusão.

“Às vezes, penso que sou meu amigo afogado.

"Além disso, comecei a acreditar, não apenas que Ela existe, mas que Ela não está muito à frente, e acalma o mar e me atrai para o lado! Cheio de horror, lembro-me de sua idéia mais louca: de que nosso destino (que existiam, lembre-se, em apenas uma noite-marinha, centenas e milhares) não teria uma costa como todo mundo pensava que existia mas um ser misterioso, indescritível, exceto pelo paradoxo e pelo mais vaga figura: totalmente diferente de nós nadadores, mas nosso complemento; a morte de nós, mas a nossa salvação e ressurreição; simultaneamente o fim, o ponto médio e o início da nossa jornada; não membro e se debatendo como nós; sim, uma esfera imóvel ou imensamente planadora de inimaginável dimensão; independente, mas totalmente dependente, de alguma maneira, da chance (sempre monstruosamente improvável) que um de nós sobreviva à jornada da noite-marinha e a alcance... Ela! *Dela*, ele chamou, ou *Ela*, ou seja, Diferente-de-um-ele. Eu balancei minha cabeça; esse troço é muito absurdo; sou eu quem falo para manter minha razão nessa terrível escuridão. Ela não

existe! Você não existe! Eu me divirto; porque somente a morte é quem ouve e convoca. Para os afogados, todos mares são calmos...

"Ouça essa: meu amigo afirmou que, em toda ordem de criação, existem dois tipos de criadores, contrários e complementares, um dos quais dá origem aos mares e nadadores, o outro à Noite, que contém o mar e o que nos espera no final da jornada: o primeira, em resumo, para destino, este último ao destino (e ambos de maneira profana, involuntária, talvez indiferente ou inconscientemente). O 'propósito' da jornada da noittemarinha - mas não necessariamente do viajante ou do Criador! Meu camarada só poderia descrever em abstrações: consumação, transfiguração, união de contrários, transição de categorias. Quando ríamos, ele dava de ombros e admitia que ele não entendeu o negócio melhor do que nós e achou ridículo, triste, possivelmente obsceno. 'Mas um de vocês', ele acrescentava, com seu sorriso irônico, 'pode ser o Herói destinado a completar a jornada noittemarinha e se tornar Um com Ela. As chances, é claro, são de você não conseguir.' Ele próprio, ele declarou, que nem iria nem tentar; a ideia toda o repeliu; se escolhermos descartar a teoria dele como uma ficção barata, tanto melhor para nós; debater, espirrar e ser feliz, seríamos logo afogados. Mas lá estava, ele não sabia mais dizer como sabia. Ou por que se preocupou em nos contar o que aconteceria depois quando Ela e o Herói, Costa e Nadador, 'identidades' com o intuito de se tornar algo: ambos e nenhum. Ele concordou bastante comigo que, se a questão que a união mágica não se lembrava sa jornada da noittemarinha, por exemplo, desfrutava de um tipo pobre de imortalidade; ainda mais pobre se, como ele imaginava, um Herói nadador e Ela igualou ou tornou-se apenas mais um Criador das futuras noitesmarinhas e do resto, a uma despesa tão incrível de vida. Sendo esse o caso, ele estava convencido de que a coisa mais misericordiosa a se fazer era recusar-se a participar; os heróis genuínos, na sua opinião, eram os suicidas. E, o herói dos heróis, seria o nadador que, na própria presença do Outro, recusou a Sua "imortalidade" e, assim, a dar cabo a, pelo menos, um ciclo de catástrofes.

"Como nós gozamos dele! Nosso momento chegou, nós avançamos, fingimos aproveitar a aventura, golpeando, cantando, xingando, estrangulando, racionalizando, resgatando, matando, inventando regras e histórias e relacionamentos, desistindo, lutando, mas morrendo todos, e ainda, na escuridão, até apenas um remanescente agredido foi deixado a resmungar "para a frente, para arriba", como um eco amargo. Então eles também caíram como vítimas silenciosas, só posso presumir, da última onda assustadora - e chegou o momento em que eu também, completamente desolado e gasto,

debati o meu último e me entreguei à corrente, a afundar ou flutuar como pode ser, mas não nada mais. É maravilhoso dizer que, em um instante, o mar ficou parado! Então, calorosamente, gentilmente, a grande maré virou, começou a me carregar, como agora, para frente e para arriba, à vontade, como uma inundação de alegria - e lembrei, com consternação, os ensinamentos do meu camarada morto.

"Não estou enganado. Essa nova emoção é o que Ela faz; o desejo que me possui é o dela. Um feitiço. A lucidez passa por mim; daqui a pouco vou chorar 'Amor!' Enterrando-me ao Seu lado, e sendo 'transfigurado'. Ou seja, eu morro logo; esse sujeito transportado pela paixão não sou eu; eu sou quem abjura e rejeita a jornada noturna-marítima! Eu...

"Eu sou todo amor. 'Venha!' – Ela sussurra, e eu não tenho vontade.

"Você é quem eu posso estar prestes a me tornar, seja o que for: com a última contração do meu eu real, eu imploro para Você me ouvir. Não é o amor que me sustenta! Não! Embora Sua mágica me faça loucamente querer cantar o contrário, e, embora eu me afogue, ainda hoje, pela blasfêmia, direi a verdade. O que me fez cruzar este terrível mar é uma singela esperança, dada como presente pelo meu pobre camarada morto: para que sejas mais forte do que eu, e que por pura força de concentração posso transmitir a Você, juntamente com Sua Herança oficial, um legado particular de lembranças terríveis e determinações negativas. Por mais louco que meu sonho possa ser de uma personificação inimaginável de mim mesmo (ou de mim mesmo mais Dela, se é assim que deve ser) virá a se expressar, por mais que seja uma tradução ilegível ou radical, alguma reflexão dessas reflexões. Se, contra todas as probabilidades, isto acontecer, você a quem, através de com quem falo, faça o que não posso: encerre esse negócio brutal e sem objetivo! Pare de ouvir a música Dela! Odeie o amor!

"Ainda vivo, na superfície, em chamas. Adeus, então, minha penúltima esperança: que alguém seja afundado por mais blasfêmias na própria costa da costa. Pode ser (meu velho camarada, sorria) que apenas quem diz 'não interessa' sobrevive à noite? Mas, mesmo isso, era Sentido, e não há sentido, apenas amor sem sentido, morte sem sentido. Seja quem for ecoar essas reflexões: por favor, seja mais corajoso que seu autor! O fim das jornadas da noitemarinha! Não façam mais! E me perdoem, quando devo perdoar eu mesmo, nego a mim mesmo, mergulhe Nele, que convoca, cantando...

"Amor Amor amor!"

Night-sea journey

By John Barth

"One way or another, no matter which theory of our journey is correct, it's myself I address; to whom I rehearse as to a stranger our history and condition, and will disclose my secret hope though I sink for it.

"Is the journey my invention? Do the night, the sea, exist at all, I ask myself, apart from my experience of them? Do I myself exist, or is this a dream? Sometimes I wonder. And if I am, who am I? The Heritage I supposedly transport? But how can I be both vessel and contents? Such are the questions that beset my intervals of rest.

"My trouble is, I lack conviction. Many accounts of our situation seem plausible to me- where and what we are, why we swim and whither. But implausible ones as well, perhaps especially those, I must admit as possibly correct. Even likely. If at times, in certain humors- striking in unison, say, with my neighbors and chanting with them 'Onward! Upward!'- I have supposed that we have ever after all a common Maker, Whose nature and motives we may not know, but Who engendered us in some mysterious wise and launched us forth toward some end known but to Him- if (for a moodlength only) I have been able to entertain such notions, very popular in certain quarters, it is because our night-sea journey partakes of their absurdity. One might even say: I can believe them because they are absurd.

"Has that been said before?

"Another paradox: it appears to be these recesses from swimming that sustain me in the swim. Two measures onward and upward, flailing with the rest, then I float exhausted and dispirited, brood upon the night, the sea, the journey, while the flood bears me a measure back and down: slow progress, but I live, I live, and make my way, aye, past many a drowned comrade in the end, stronger, worthier than I, victims of their unremitting joie de nager. I have seen the best swimmers of my generation go under. Numberless the number of the dead! Thousands drown as I think this thought, millions as I rest before returning to the swim. And scores, hundreds of millions have expired since we surged forth, brave in our innocence, upon our dreadful way. 'Love! Love!' we sang then, a quarter-billion strong, and churned the warm sea white with joy of swimming! Now all are gone down- the buoyant, the sodden, leaders and followers, all

gone under, while wretched I swim on. Yet these same reflective intervals that keep me afloat have led me into wonder, doubt, despair- strange emotions for a swimming!- have led me, even, to suspect . . . that our night-sea journey is without meaning.

"Indeed, if I have yet to join the hosts of the suicides, it is because (fatigue apart) I find it no meaningfuller to drown myself than to go on swimming.

"I know that there are those who seem actually to enjoy the night-sea; who claim to love swimming for its own sake, or sincerely believe that 'reaching the Shore,' 'transmitting the Heritage' (Whose Heritage, I'd like to know? And to whom?) is worth the staggering cost. I do not. Swimming itself I find at best not actively unpleasant, more often tiresome, not infrequently a torment. Arguments from function and design don't impress me: granted that we can and do swim, that in a manner of speaking our long tails and streamlined heads are 'meant for' swimming; it by no means follows- for me, at least- that we should swim, or otherwise endeavor to 'fulfill our destiny.' Which is to say, Someone Else's destiny, since ours, so far as I can see, is merely to perish, one way or another, soon or late. The heartless zeal of our (departed) leaders, like the blind ambition and good cheer of my own youth, appalls me now; for the death of my comrades I am inconsolable. If the night-sea journey has justification, it is not for us swimmers to discover it.

"Oh, to be sure, 'Love!' one heard on every side: 'Love it is that drives and sustains us!' I translate: we don't know what drives and sustains us, only that we are most miserably driven and, imperfectly, sustained. Love is how we call our ignorance of what whips us. 'To reach the Shore,' then: but what if the Shore exists in the fancies of us swimmers merely, who dream it to account for the dreadful fact that we swim, have always and only swum, and continue swimming without respite (myself excepted) until we die? Supposing even that there were a Shore- that, as a cynical companion of mine once imagined, we rise from the drowned to discover all those vulgar superstitions and exalted metaphors to be literal truth: the giant Maker of us all, the Shores of Light beyond our night-sea journey! -whatever would a swimmer do there? The fact is, when we imagine the Shore, what comes to mind is just the opposite of our condition: no more night, no more sea, no more journeying. In short, the blissful estate of the drowned.

" 'Ours not to stop and think; ours but to swim and sink. ' Because a moment's thought reveals the pointlessness of swimming. 'No matter,' I've heard some say, even as they gulped their last: 'The night-sea journey may be absurd, but here we swim, will-we

nill-we, against the flood, onward and upward, toward a Shore that may not exist and couldn't be reached if it did.' The thoughtful swimmer's choices, then, they say, are two: give over thrashing and go under for good, or embrace the absurdity; affirm in and for itself the night-sea journey; swim on with neither motive nor destination, for the sake of swimming, and compassionate moreover with your fellow swimmer, we being all at sea and equally in the dark. I find neither course acceptable. If not even the hypothetical Shore can justify a sea-full of drowned comrades, to speak of the swim-in-itself as somehow doing so strikes me as obscene. I continue to swim- but only because blind habit, blind instinct, blind fear of drowning are still more strong than the horror of our journey. And if on occasion I have assisted a fellow-thrasher, joined in the cheers and songs, even passed along to others strokes of genius from the drowned great, it's that I shrink by temperament from making myself conspicuous. To paddle off in one's own direction, assert one's independent right-of-way, overrun one's fellows without compunction, or dedicate oneself entirely to pleasures and diversions without regard for conscience- I can't finally condemn those who journey in this wise; in half my moods I envy them and despise the weak vitality that keeps me from following their example. But in reasonabler moments I remind myself that it's their very freedom and self-responsibility I reject, as more dramatically absurd, in our senseless circumstances, than tailing along in conventional fashion. Suicides, rebels, affirmers of the paradox- nay-sayers and yea-sayers alike to our fatal journey- I finally shake my head at them. And splash sighing past their corpses, one by one, as past a hundred sorts of others: friends, enemies, brothers; fools, sages, brutes- and nobodies, million upon million. I envy them all.

"A poor irony: that I, who find abhorrent and tautological the doctrine of survival of the fittest (fitness meaning, in my experience, nothing more than survival-ability, a talent whose only demonstration is the fact of survival, but whose chief ingredients seem to be strength, guile, callousness), may be the sole remaining swimmer! But the doctrine is false as well as repellent: Chance drowns the worthy with the unworthy, bears up the unfit with the fit by whatever definition, and makes the night-sea journey essentially haphazard as well as murderous and unjustified.

"'You only swim once.' Why bother, then?

"'Except ye drown, ye shall not reach the Shore of Light.' Poppycock.

"One of my late companions- that same cynic with the curious fancy, among the first to drown- entertained us with odd conjectures while we waited to begin our

journey. A favorite theory of his was that the Father does exist, and did indeed make us and the sea we swim- but not a- purpose or even consciously; He made us, as it were, despite Himself, as we make waves with every tail-thrash, and may be unaware of our existence. Another was that He knows we're here but doesn't care what happens to us, inasmuch as He creates (voluntarily or not) other seas and swimmers at more or less regular intervals. In bitterer moments, such as just before he drowned, my friend even supposed that our Maker wished us unmade; there was indeed a Shore, he'd argue, which could save at least some of us from drowning and toward which it was our function to struggle- but for reasons unknowable to us He wanted desperately to prevent our reaching that happy place and fulfilling our destiny. Our 'Father,' in short, was our adversary and would-be killer! No less outrageous, and offensive to traditional opinion, were the fellow's speculations on the nature of our Maker: that He might well be no swimmer Himself at all, but some sort of monstrosity, perhaps even tailless; that He might be stupid, malicious, insensible, perverse, or asleep and dreaming; that the end for which He created and launched us forth, and which we flagellate ourselves to fathom, was perhaps immoral, even obscene. Et cetera, et cetera: there was no end to the chap's conjectures, or the impoliteness of his fancy; I have reason to suspect that his early demise, whether planned by 'our Maker' or not, was expedited by certain fellow-swimmers indignant at his blasphemies.

"In other moods, however (he was as given to moods as I), his theorizing would become half- serious, so it seemed to me, especially upon the subjects of Fate and Immortality, to which our youthful conversations often turned. Then his harangues, if no less fantastical, grew solemn and obscure, and if he was still baiting us, his passion undid the joke. His objection to popular opinions of the hereafter, he would declare, was their claim to general validity. Why need believers hold that all the drowned rise to be judged at journey's end, and non-believers that drowning is final without exception? In his opinion (so he'd vow at least), nearly everyone's fate was permanent death; indeed he took a sour pleasure in supposing that every 'Maker' made thousands of separate seas in His creative lifetime, each populated like ours with millions of swimmers, and that in almost every instance both sea and swimmers were utterly annihilated, whether accidentally or by malevolent design. (Nothing if not pluralistical, he imagined there might be millions and billions of 'Fathers,' perhaps in some 'night-sea' of their own!) However- and here he turned infidels against him with the faithful- he professed to believe that in possibly a single night-sea per thousand, say, one of its quarter-billion

swimmers (that is, one swimmer in two hundred fifty billions) achieved a qualified immortality. In some cases the rate might be slightly higher; in others it was vastly lower, for just as there are swimmers of every degree of proficiency, including some who drown before the journey starts, unable to swim at all, and others created drowned, as it were, so he imagined what can only be termed impotent Creators, Makers unable to Make, as well as uncommonly fertile ones and all grades between. And it pleased him to deny any necessary relation between a Maker's productivity and His other virtues- including, even, the quality of His creatures.

"I could go on (he surely did) with his elaboration of these mad notions- such as that swimmers in other night-seas needn't be of our kind; that Makers themselves might belong to different species, so to speak; that our particular Maker mightn't Himself be immortal, or that we might be not only His emissaries but His 'immortality,' continuing His life and our own, transmogrified, beyond our individual deaths. Even this modified immortality (meaningless to me) he conceived as relative and contingent, subject to accident or deliberate termination: his pet hypothesis was that Makers and swimmers each generate the other- against all odds, their number being so great- and that any given 'immortality-chain' could terminate after any number of cycles, so that what was 'immortal' (still speaking relatively) was only the cyclic process of incarnation, which itself might have a beginning and an end. Alternatively he liked to imagine cycles within cycles, either finite or infinite: for example, the 'night-sea,' as it were, in which Makers 'swam' and created night-seas and swimmers like ourselves, might be the creation of a larger Maker, Himself one of many, Who in turn et cetera. Time itself he regarded as relative to our experience, like magnitude: who knew but what, with each thrash of our tails, minuscule seas and swimmers, whole eternities, came to pass- as ours, perhaps, and our Maker's Maker's, was elapsing between the strokes of some supertail, in a slower order of time?

"Naturally I hooted with the others at this nonsense. We were young then, and had only the dimmest notion of what lay ahead; in our ignorance we imagined night-sea journeying to be a positively heroic enterprise. Its meaning and value we never questioned; to be sure, some must go down by the way, a pity no doubt, but to win a race requires that others lose, and like all my fellows I took for granted that I would be the winner. We milled and swarmed, impatient to be off, never mind where or why, only to try our youth against the realities of night and sea; if we indulged the skeptic at all, it was as a droll, half-contempible mascot. When he died in the initial slaughter, no

one cared.

"And even now I don't subscribe to all his views- but I no longer scoff. The horror of our history has purged me of opinions, as of vanity, confidence, spirit, charity, hope, vitality, everything- except dull dread and a kind of melancholy, stunned persistence. What leads me to recall his fancies is my growing suspicion that I, of all swimmers, may be the sole survivor of this fell journey, tale-bearer of a generation. This suspicion, together with the recent sea-change, suggests to me now that nothing is impossible, not even my late companion's wildest visions, and brings me to a certain desperate resolve, the point of my chronicling.

"Very likely I have lost my senses. The carnage at our setting out; our decimation by whirlpool, poisoned cataract, sea-convulsion; the panic stampedes, mutinies, slaughters, mass suicides; the mounting evidence that none will survive the journey- add to these anguish and fatigue; it were a miracle if sanity stayed afloat. Thus I admit, with the other possibilities, that the present sweetening and calming of the sea, and what seems to be a kind of vasty presence, song, or summons from the near upstream, may be hallucinations of disordered sensibility....

"Perhaps, even, I am drowned already. Surely I was never meant for the rough-and-tumble of the swim; not impossibly I perished at the outset and have only imaged the night-sea journey from some final deep. In any case, I'm no longer young, and it is we spent old swimmers, disabused of every illusion, who are most vulnerable to dreams.

"Sometimes I think I am my drowned friend.

"Out with it: I've begun to believe, not only that She exists, but that She lies not far ahead, and stills the sea, and draws me Herward! Aghast, I recollect his maddest notion: that our destination (which existed, mind, in but one night-sea out of hundreds and thousands) was no Shore, as commonly conceived, but a mysterious being, indescribable except by paradox and vaguest figure: wholly different from us swimmers, yet our complement; the death of us, yet our salvation and resurrection; simultaneously our journey's end, mid-point, and commencement; not membered and thrashing like us, but a motionless or hugely gliding sphere of unimaginable dimension; self-contained, yet dependent absolutely, in some wise, upon the chance (always monstrously improbable) that one of us will survive the night-sea journey and reach. Her! Her, he called it, or She, which is to say, Other-than-a-he. I shake my head; the thing is too preposterous; it is myself I talk to, to keep my reason in this awful darkness.

There is no She! There is no You! I rave to myself; it's Death alone that hears and summons. To the drowned, all seas are calm...

"Listen: my friend maintained that in every order of creation there are two sorts of creators, contrary yet complementary, one of which gives rise to seas and swimmers, the other to the Night-which-contains-the-sea and to What-waits-at-the-journey's-end: the former, in short, to destiny, the latter to destination (and both profligately, involuntarily, perhaps indifferently or unwittingly). The 'purpose' of the night-sea journey- but not necessarily of the journeyer or of either Maker! -my friend could describe only in abstractions: consummation, transfiguration, union of contraries, transcension of categories. When we laughed, he would shrug and admit that he understood the business no better than we, and thought it ridiculous, dreary, possibly obscene. 'But one of you,' he'd add with his wry smile, 'may be the Hero destined to complete the night- sea journey and be one with Her. Chances are, of course, you won't make it' He himself, he declared, was not even going to try; the whole idea repelled him; if we chose to dismiss it as an ugly fiction, so much the better for us; thrash, splash, and be merry, we were soon enough drowned. But there it was, he could not say how he knew or why he bothered to tell us, any more than he could say what would happen after She and Hero, Shore and Swimmer, 'merged identities' to become something both and neither. He quite agreed with me that if the issue of that magical union had no memory of the night-sea journey, for example, it enjoyed a poor sort of immortality; even poorer if, as he rather imagined, a swimmer-hero plus a She equaled or became merely another Maker of future night-seas and the rest, at such incredible expense of life. This being the case- he was persuaded it was the merciful thing to do was refuse to participate; the genuine heroes, in his opinion, were the suicides, and the hero of heroes would be the swimmer who, in the very presence of the Other, refused Her proffered 'immortality' and thus put an end to at least one cycle of catastrophes.

"How we mocked him! Our moment came, we hurtled forth, pretending to glory in the adventure, thrashing, singing, cursing, strangling, rationalizing, rescuing, killing, inventing rules and stories and relationships, giving up, struggling on, but dying all, and still in darkness, until only a battered remnant was left to croak 'Onward, upward,' like a bitter echo. Then they too fell silent- victims, I can only presume, of the last frightful wave- and the moment came when I also, utterly desolate and spent, thrashed my last and gave myself over to the current, to sink or

float as might be, but swim no more. Whereupon, marvelous to tell, in an instant the sea grew still! Then warmly, gently, the great tide turned, began to bear me, as it does now, onward and upward willy-nilly, like a flood of joy- and I recalled with dismay my dead friend's teaching.

"I am not deceived. This new emotion is Her doing; the desire that possesses me is Her bewitchment. Lucidity passes from me; in a moment I'll cry 'Love!' bury myself in Her side, and be 'transfigured.' Which is to say, I die already; this fellow transported by passion is not I; I am he who abjures and rejects the night-sea journey! I...

"I am all love. 'Come!' She whispers, and I have no will.

"You who I may be about to become, whatever You are: with the last twitch of my real self I beg You to listen. It is not love that sustains me! No; though Her magic makes me burn to sing the contrary, and though I drown even now for the blasphemy, I will say truth. What has fetched me across this dreadful sea is a single hope, gift of my poor dead comrade: that You may be stronger-willed than I, and that by sheer force of concentration I may transmit to You, along with Your official Heritage, a private legacy of awful recollection and negative resolve. Mad as it may be, my dream is that some unimaginable embodiment of myself (or myself plus Her if that's how it must be) will come to find itself expressing, in however garbled or radical a translation, some reflection of these reflections. If against all odds this comes to pass, may You to whom, through whom I speak, do what I cannot: terminate this aimless, brutal business! Stop Your hearing against Her song! Hate love!

"Still alive, afloat, afire. Farewell then my penultimate hope: that one may be sunk for direst blasphemy on the very shore of the Shore. Can it be (my old friend would smile) that only utterest nay-sayers survive the night? But even that were Sense, and there is no sense, only senseless love, senseless death. Whoever echoes these reflections: be more courageous than their author! An end to night-sea journeys! Make no more! And forswear me when I shall forswear myself, deny myself, plunge into Her who summons, singing...

"Love! Love! Love!"

REFERÊNCIAS

BARTH, John. *Lost in the funhouse*. New York: Bantam Books, 1969.